

Analizando a competitividade da economia espanhola: parte I

- Este artigo analisa o comportamento dos indicadores de produtividade da economia espanhola, comparando-o com o de outras economias desenvolvidas, para dar um impulso à sua competitividade.
- Embora a produtividade espanhola tenha recuperado da deterioração sustentada que sofreu na primeira década dos anos 2000, ainda é menor do que a dos seus principais parceiros europeus em termos de produto por hora trabalhada (com a exceção de Portugal).
- A menor produtividade da economia espanhola não se deve tanto à composição setorial da economia em comparação com outros países, mas ao facto de os setores da sua economia serem menos produtivos.

A competitividade é um fator fundamental para a prosperidade económica de um país. As diversas fases do ciclo económico podem influenciar o crescimento económico num maior ou menor grau mas, a longo prazo, o elemento fundamental que determina a capacidade de uma economia criar riqueza e prosperidade num ambiente globalizado é a competitividade. Com este artigo iniciamos uma série que analisará a evolução da competitividade da economia espanhola. Como veremos, a mesma sofreu uma deterioração sustentada na primeira década do milénio e, embora tenha recuperado parte do terreno perdido desde então, ainda tem caminho a percorrer.

Como medimos a competitividade?

A competitividade de um país mostra até que «ponto (o país) pode produzir bens e serviços com exposição à concorrência dos mercados internacionais, mantendo e expandindo os rendimentos dos seus indivíduos a longo prazo».¹ Portanto, os seus fatores determinantes são um conjunto de instituições, políticas e fatores que estão interrelacionados e que incluem elementos como o capital humano do país, o grau de inovação incorporado aos produtos e serviços criados pelas suas empresas, a eficiência dos processos produtivos e organizacionais destas empresas e muitos outros fatores. Assim, é claro que uma avaliação de todos os seus fatores determinantes constitui um projeto de grande envergadura.²

No entanto, também é possível medir a competitividade sem avaliar os seus fatores determinantes, mas com base nos resultados que da mesma derivam. Neste sentido, dois tipos de indicadores ajudam a medir a competitividade de um país:

- os indicadores de produtividade, e
- os indicadores relacionados com o desempenho do setor externo.

1. Ver OCDE (1992). «Technology and the Economy: the Key Relationships». Paris.

2. O Relatório de Competitividade Global do WEF documenta até quase cem fatores determinantes de competitividade que utiliza para desenvolver um *ranking* entre países. No entanto, não permite estabelecer de que forma estes fatores determinantes são usados e combinados para a aumentar. Para mais detalhes, ver <http://reports.weforum.org/global-competitiveness-report-2018/>.

A maior competitividade deve estar relacionada com a maior eficiência produtiva em comparação com outros países e, portanto, com uma maior produtividade relativa. Da mesma forma, é de esperar que um país competitivo seja um país que consiga ganhar quotas de mercado em relação aos seus concorrentes.³

Neste artigo abordaremos a análise do comportamento dos indicadores de produtividade da economia espanhola e compararemos a sua evolução com a de outras economias desenvolvidas. Adiamos a análise dos indicadores relacionados com o setor externo para próximos artigos.

Indicadores de produtividade

A produtividade mede o grau de eficiência na utilização dos insumos durante o processo produtivo. Assim, um aumento na produtividade indica que é necessária uma menor quantidade de insumos para produzir a mesma unidade de produto ou serviço.

Os dois principais indicadores para medir a produtividade são:

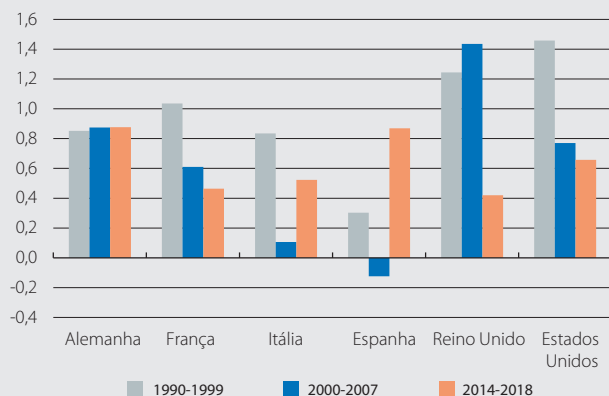
- **A produtividade total dos fatores (PTF)**, ou a parte do aumento do produto que não é explicada pela acumulação de fatores de produção (como o capital ou o emprego). O problema deste indicador é que é difícil de medir.
- **A produtividade aparente do trabalho**, ou o produto por hora trabalhada. Esta medida é influenciada por outros fatores, como o capital por trabalhador ou o capital humano, mas conta com a vantagem de dispor de dados mais fiáveis para a medir e permitir comparações entre países.

A evolução da produtividade espanhola em relação a outras economias desenvolvidas de acordo com a PTF pode ser observada no primeiro gráfico. Entre 1990 e 2007, a PTF em Espanha evoluiu abaixo das principais economias desenvolvidas do mundo. Pelo contrário, desde o início da recuperação económica após a crise financeira, a PTF espanhola conseguiu crescer acima da dos seus principais concorrentes.

3. Um país pode ganhar quota de mercado no mercado internacional sem ganhar produtividade relativa introduzindo novos produtos/serviços nestes mercados.

Espanha: comparativa internacional da produtividade total dos fatores

Crescimento anual médio (%)



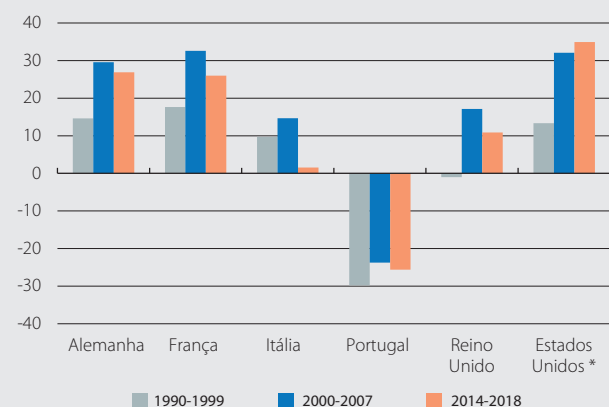
Fonte: BPI Research, a partir dos dados da AMECO.

No entanto, este indicador não permite avaliar diretamente as diferenças em termos absolutos do grau de produtividade entre os países, uma comparação que pode ser estabelecida se a produtividade aparente do trabalho em Espanha for calculada em comparação com a desses mesmos países. O segundo gráfico mostra o diferencial, em termos de percentagem, do produto por hora trabalhada ajustada pela paridade do poder de compra, entre esses países e Espanha.⁴ Podemos retirar duas conclusões principais do gráfico:

- Primeiro, tal como reflete o gráfico anterior, a produtividade espanhola deteriorou em relação aos outros países entre a década de 90 e a primeira década de 2000.
- Segundo, que a melhoria da produtividade desde a recuperação económica permitiu encurtar diferenças (exceto com os EUA), mas ainda existe um longo caminho a percorrer: Em termos absolutos, Espanha continua me-

Produtividade aparente do trabalho

Diferencial de cada país em relação a Espanha (%)



Nota: * Média de 2014-2017.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados da OCDE.

4. Por exemplo, a primeira barra cinzenta no gráfico que pertence à Alemanha indica que o produto por hora trabalhada neste país entre 1990 e 1999 era cerca de 15% mais elevado do que em Espanha.

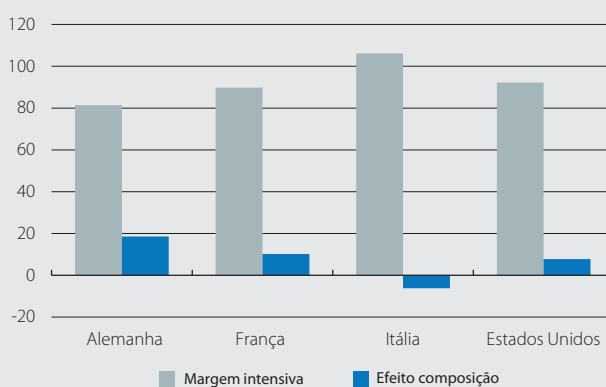
nos produtiva em termos de produto por hora trabalhada do que os restantes países (exceto Portugal).

Decomposição do diferencial de produtividade entre países

Porque é que existem diferenças de produtividade em comparação com estes países? Para investigar esta questão analisamos qual é parte da contribuição para o diferencial da produtividade aparente do trabalho que está relacionada com a margem intensiva e qual é a parte relacionada com o efeito composição. Referimo-nos a **margem intensiva**, à parte do diferencial explicada pelas diferenças de produtividade do mesmo setor da economia entre a Espanha e outro país. Para calcular este efeito, comparamos a produtividade aparente do traba-

Espanha: decomposição da lacuna de produtividade

Dados de 2015 (%)



Nota: Um valor positivo significa que o efeito contribui negativamente para o nível de produtividade em Espanha, dado que contribui para a lacuna.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados da EU KLEMS.

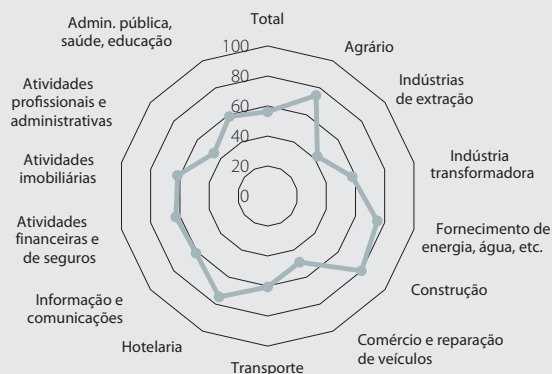
Iho em cada setor da economia entre dois países, mas mantendo constante o peso relativo do setor entre ambos. Por outro lado, o **efeito composição** mede a parte do diferencial explicada pelo facto de os setores de cada país possuírem pesos diferentes sobre o total da economia. Portanto, um país pode ser mais produtivo não porque os seus setores são mais produtivos que os de outros países, mas porque os setores mais produtivos possuem um peso maior.

O principal fator que explica o diferencial de produtividade entre a Espanha e os restantes países é a margem intensiva: ou seja, a menor produtividade de Espanha é um fenómeno generalizado entre os diferentes setores da economia. Isto pode ser observado no terceiro gráfico, no qual as diferenças de produtividade entre a Espanha e os outros países são normalizadas para 100 e são representadas as contribuições para esta lacuna, mostrando como mais de 80% da lacuna se deve à margem intensiva.⁵

5. Como exemplo, no caso da Alemanha vemos que cerca de 80% do diferencial de produtividade se deve à margem intensiva e que apenas 20% é explicada pelo efeito composição.

Espanha: diferencial de produtividade em comparação com a França por setores

(100 = França)



Nota: A linha mostra a produtividade de cada setor de atividade em Espanha em comparação com a França (normalizado para um valor igual a 100).

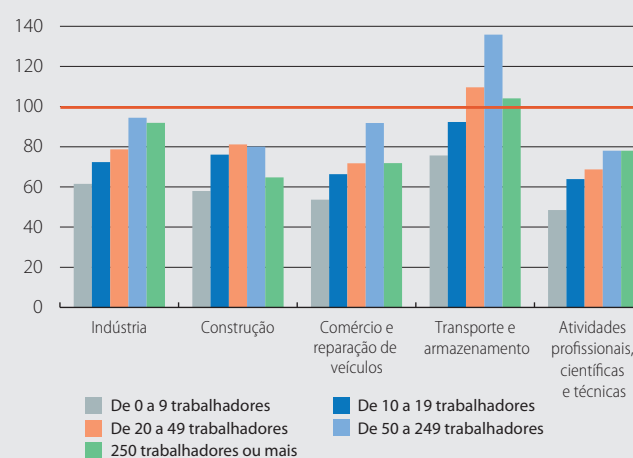
Fonte: BPI Research, a partir dos dados da EU KLEMS.

Desta forma, o problema da produtividade em Espanha é de cariz generalizado e não é apenas um problema de um setor específico. Como mostra o quarto gráfico, a diferença de produtividade de cada setor produtivo espanhol em comparação com o mesmo setor em França é significativa.⁶ Em todos os setores, a produtividade espanhola é menor do que a francesa, sendo particularmente acentuada em setores tão diversos como as atividades profissionais e científicas, comércio, indústria e a Administração Pública.

Esta produtividade mais baixa é determinada por diversas causas. Contudo, é interessante analisar como se relaciona com o tecido empresarial do país. O diferencial de produtividade é muito maior para as pequenas e médias empresas espanholas do que para as grandes, tal como é possível observar no quinto gráfico. Em cada setor, as grandes empresas são muito mais semelhantes em termos de produtividade em comparação com as suas parceiras francesas, sugerindo que uma maior dimensão empresarial permite uma maior eficiência na utilização de insumos durante o processo de produção.⁷

Espanha: diferencial de produtividade em comparação com a França por setor e dimensão empresarial

(100 = França)



Nota: O gráfico mostra a produtividade das empresas em cada setor e a sua dimensão em Espanha em comparação com a França (normalizado para um valor igual a 100).

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do Eurostat («Structural business statistics»).

6. Os dados utilizados para analisar o diferencial por setores procedem do EU KLEMS – anteriormente era analisada a evolução no tempo com dados da OCDE – e correspondem a períodos de tempo diferentes, razão pela qual as dimensões não coincidem exatamente.

7. Para mais detalhes entre a interação entre produtividade e tamanho do negócio, consulte Guillamón, C., Moral-Benito, E. e Puente, S. (2017). «High growth firms in employment and productivity: dynamic interactions and the role of financial constraints?». Working Papers 1718. Banco de Espanha.